

Refrigério

ISSN 2182-617X ANO 34
Número 181 - JUL/SET 2021

3

**Em memória...
Ir. Jayro Gonçalves**

18

**A Páscoa que
Jesus celebrou**

20

**A busca por uma
boa morte**



**Liderança
na Igreja**

Editorial

Muitos modelos de liderança usados pelas denominações cristãs nos nossos dias não se parecem com o padrão de liderança estabelecido na igreja primitiva. O princípio de autoridade e liderança na Igreja não se baseava na hierarquia mas sim na influência pelo testemunho.

O apóstolo Paulo afirmou *“Sede meus imitadores, como também eu de Cristo”* (1 Coríntios 11.1), e ainda: *“Sede também meus imitadores, irmãos, e tende cuidado, segundo o exemplo que tendes em nós, pelos que assim andam”* (Filipenses 3.17)

Não existem quaisquer dúvidas de que “O Senhor” estabeleceu alguns com dons de ministério na igreja, mas o fê-lo para que sirvam de modelo e não para se apresentarem como detentores de um cargo de chefia num governo hierárquico. Toda a tentativa de se estabelecer uma liderança centralizadora na igreja fere aquilo que Jesus ensinou aos seus discípulos: *“Então Jesus, chamando-os para junto de si, disse: Bem sabeis que pelos príncipes dos gentios são estes dominados, e que os grandes exercem autoridade sobre eles. Não será assim entre vós; mas todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso serviçal; E, qualquer que entre vós quiser ser o primeiro, seja vosso servo”* (Mateus 20:25-27).

A liderança hierárquica resulta numa mentalidade posicional (“maior” e “menor”), por isso, é estabelecido sob uma cadeia de comando. Entretanto, na Igreja a liderança deve fluir do amor e do serviço voluntário.

Por ser posicional, o padrão mundano de liderança dá muita ênfase na posição e no ranking. Já na Igreja de Cristo a autoridade flui de um caráter piedoso. Jesus disse: *“... todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso serviçal”*. Para Jesus o “Ser” é a parte essencial de todo ministério cristão.

A liderança hierárquica estimula o espírito megalomaniaco no coração dos homens e o seu resultado é medido pela proeminência das coisas. No entanto, no reino de Deus, a noção do que é ser grande passa a ter outra conotação. A grandeza é medida pela humildade (Atitude – interna) e pelo serviço (Ação – externa).

Na liderança hierárquica os líderes fazem-se valer das posições para ostentarem títulos e exercerem domínio sobre os demais. Na Igreja de Cristo devemos seguir aquilo que o apóstolo Pedro declarou: *“Apascentai o rebanho de Deus, que está entre vós, tendo cuidado dele, não por força, mas voluntariamente; nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto; Nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho. E, quando aparecer o Sumo Pastor, alcançareis a incorruptível coroa da glória”* (1 Pedro 5:2-4). A Igreja só tem um “Supremo Pastor”. Nós apenas cooperamos com Ele na edificação dos santos.

É bem verdade que somos orientados pela Palavra de Deus a reconhecer aqueles que trabalham entre nós e nos presidem no Senhor. Devemos estimá-los não por causa dos seus títulos e posições, mas por causa da sua obra (1 Tessalonicenses 5.12, 13).

A Igreja só tem uma cabeça, um Senhor, um dono – CRISTO! Somos apenas seus cooperadores.

Duarte Casmarrinha

Índice

- 03** Congressos
- 04** Em memória... Ir. Jayro Gonçalves
- 06** Perfil de líder: Apóstolo Paulo
- 08** Perfil de líder: Josué
- 11** A importância da liderança na igreja local
- 12** Indicação, reconhecimento e função dos Presbíteros
- 14** Autoridade e disciplina dos Presbíteros
- 16** Duração e destituição da liderança
- 18** A Páscoa que Jesus celebrou - 2ª Parte
- 20** A busca por uma boa morte
- 22** Família Castro
- 24** Instituto Alvo

Ficha técnica

Ano 34 Número 181 JUL/SET 2021 ISSN 2182-617X | Periódico trimestral visando a informação e edificação do povo de Deus

Propriedade Comunhão de Igrejas de Irmãos em Portugal CIIP | Internet: www.refrigerio.ciip.pt | e-mail: refrigerio@ciip.pt

As igrejas afiliadas na CIIP caracterizam-se por: serem igrejas locais autónomas, com uma convicção e tradição de liderança plural na comunidade, comunhão aberta sem distinção de origens denominacionais, ênfase na liberdade do Espírito Santo no culto e serviço, expectativa da segunda vinda iminente do Senhor Jesus em glória, e no exercício livre do ministério através dos dons e talentos em vez da profissionalização de cargos eclesiais.

Editor: Duarte Casmarrinha | Equipa Editorial: João Poças, Joel Costa, Joel Resende, Daniela Mateus, Priscila Lopo e João Silva | Design Gráfico e Paginação:

João Silva | Revisão e Edição de Textos: Equipa Editorial | Endereço Jornal Refrigério: C.C. Primavera - Av. Calouste Gulbenkian, Lote 7 - Loja 26 - 3000-092

Coimbra - Portugal | E-mail: refrigerio@ciip.pt | Versão digital: www.refrigerio.ciip.pt | Impressão SIG: Sociedade Industrial Gráfica, Lda | Depósito legal:

21.402/88 | ISSN: 2182-617X impresso / 2182-6188 em linha | Tiragem: 1300 exemplares | Preço de cada exemplar: 2€ | Sustentado através de ofertas voluntárias.

Finanças: Agradecemos a todos os irmãos e igrejas que têm ajudado no sustento deste ministério. Envie a sua oferta para CIIP. Os cheques devem ser passados à ordem de CIIP. NIB: 0035 2145 0001 7614 9309 2 com a especificação do destino da oferta: para “Revista Refrigério”

©Copyrights - Autorizamos e incentivamos a divulgação, no todo ou em parte, dos estudos e artigos publicados, desde que a fonte seja citada. Os artigos assinados são da responsabilidade individual. Os artigos que não correspondam à linha doutrinária e informativa deste jornal, não serão publicados. À Comissão de Publicações do Dep. de Comunicações da CIIP assiste o direito de rejeitar publicidade que colida com as atividades das Assembleias de Irmãos.

Coord. Dep. De Comunicação: Jorge Oliveira | Cada número do Refrigério tem um custo, apoie este ministério com a sua oferta



"LOUVADO seja nosso Senhor Jesus Cristo, é com satisfação e alegria que expressamos a nossa gratidão pela possível realização do **CNJ-2021**, em regime presencial. **ACREDITAMOS** que não será apenas um evento mas, uma grande experiência de fé que cada um levará consigo para sempre.

CONTAMOS com a igreja dos Irmãos (Norte, Centro e Sul) para, com júbilo, aprendermos juntos, fortalecendo a comunhão entre as congregações.

ESTAMOS passando por novos tempos e mais que uma denominação, somos Cristãos, somos Igreja.

JUNTOS temos que potenciar e vocacionar todos a levar uma vida de santidade no meio onde estão inseridos - no mundo de profundo carência espiritual. O esforço da organização para este evento dá-se à convicção da nossa missão, **SEGUIR e SERVIR JESUS CRISTO**.

TODOS SÃO BEM VINDOS! O coração dos que servem a Cristo nunca envelhece! É jovial! **INSCREVE-TE!** As inscrições são limitadas"

Contra TEMPO

*Uma perspectiva bíblica sobre trabalho,
descanso e relacionamento com Deus*



Conferência
de Mulheres
do Norte

9 de outubro | Igreja de Belomonte | 15h

Segue-nos:  facebook.com/ConferenciaMulheresNorte  instagram.com/c.mulheres.norte/

Pela graça de Deus, dia 9 de Outubro será dia de Conferência de Mulheres do Norte. Junta-te a nós neste dia, na Igreja Evangélica de Belomonte (junto à estação de comboio/metro de Campanhã).

Por causa das restrições relativas à pandemia será necessário preencher o seguinte formulário de inscrição: <https://forms.gle/efJ2eTgFMpwQr7LF9>

Podes encontrar o link do formulário nas nossas redes sociais (Facebook e Instagram). A entrada é gratuita.

A Conferência também será transmitida online no Facebook.

Segue-nos nas redes sociais para mais informações.

Em memória...

Dr. Jayro Gonçalves: um servo que confiou no seu Senhor

“O que é a fé senão o exercício de uma confiança total nas providências do Senhor para o nosso benefício espiritual? Deus coloca todas as conquistas de bênçãos em termos de fé. Abraão confiou no Senhor e largou tudo para ser uma bênção” Jayro Gonçalves

A frase acima faz parte da mensagem “As bênçãos da confiança do Senhor”, de 17/05/09, ministrada pelo irmão Jayro na igreja de Vila Nova de Poiares - Portugal

E se é possível chegarmos a uma única conclusão sobre aquilo que regeu toda sua vida, testemunho e ministério, encontramos a plena confiança no Senhor.

Confiança tal que o segurou nos momentos mais difíceis de sua história, que o sustentou na ocasião da morte de seu filho Jairinho em 1981 e o acompanhou por onde ele e sua família passou, em seus 92 anos vividos. Ele e sua esposa foram recolhidos à Glória neste último mês de abril. Ao acessar a Reunião de Ação de Graças em memória de Jayro e Urandy Gonçalves, conhecemos um pouco mais sobre a sua vida, família e ministério. Contendo vídeos, fotos e depoimentos.

Em 4 de dezembro de 2020, Dr. Jayro foi

entrevistado pelo programa Hinos & Prosa do Instituto Alvo, onde contou sobre a sua conversão, a atuação no Movimento dos Irmãos e na Casa de Oração de Vila Clementino - São Paulo. As cruzadas evangelísticas já realizadas, entre outros testemunhos.

Por isso, os apresentadores do Hinos & Prosa, Marcos Soares e Eduardo Marques contaram um pouco mais ao Jornal da União sobre as impressões e expectativas deste dia tão especial.

Como foi a preparação para a entrevista com o Dr. Jayro no Hinos e Prosa, e qual era a expectativa de vocês?

Marcos Soares: Na verdade, o contato com o Dr. Jayro foi feito pelo Eduardo Marques, nosso parceiro no programa Hinos & Prosa. Nós sabíamos que ele tinha o desejo de participar do programa que daria uma ótima conversa, porque ele tinha muitas histórias para compartilhar. Mas tivemos alguns problemas com a comunicação, internet etc e resolvemos gravar o programa para evitar qualquer intercorrência no programa.

Finalmente agendamos um dia, mas acabou não dando certo. Ele não se acertou bem com o programa de Streaming e quase desistimos. Mas alguma coisa nos dizia para insistirmos. A



Mariana Ramos Bastos Simões

Casa de Oração de Bom Clima, Petrópolis - Brasil

gente não sabia se teria outra oportunidade para aquela entrevista. Marcamos outra data e finalmente conseguimos gravar.

De todas as experiências contadas, qual chamou mais a atenção de vocês?

Marcos Soares: Acho que foi a experiência dele com Deus quando ainda menino começou a ouvir os hinos e mensagens na igreja. E depois quando ele contou de sua experiência de conversão - que tinha a ver com uma mensagem muito simples pregada por alguém durante um velório. Muito interessante saber que Deus tenha usado uma situação inusitada para levá-lo a Cristo.

Quando conheceu o Dr. Jayro e qual história do testemunho de vida deste servo te chama mais atenção?

Eduardo Marques: Meu pai chegou a ser seu professor na Escola Dominical na igreja de Vila Clementino. Eu me converti com suas mensagens no Acampamento Betel, perto de Campinas quando tinha 14 anos (no carnaval de 1964). Tive a oportunidade de viajar com ele em ministério e participei com ele na diretoria da IDE, e no presbitério da Igreja de Vila Clementino -SP. Pude apreciar centenas de pregações e estudos bíblicos do Dr. Jayro nas igrejas, acampamentos, etc. O que me chama atenção é a proficuidade de seu ministério, como:

- 1- Evangelista.
- 2- Pelos seus estudos bíblicos.
- 3- Pela Escola Bíblica Samuel que fundou.
- 4- E por sua atuação liderando a IDE - Instituição Distribuidora Evangélica, que ele mesmo fundou junto com outros irmãos.

A cada final da apresentação das transmissões do "Hinos & Prosa", ele me telefonava dizendo que tinha apreciado o programa, e nos incentivava a continuar.

Sobre o legado deixado

Marcos Soares: Creio que sua paixão por Cristo e por anunciá-lo ao maior número possível de pessoas foi a grande marca que nos deixou.

Eduardo Marques: O legado do irmão Jayro Gonçalves é o exemplo que ele deixou de quanto um servo do Senhor pode realizar quando se entrega à direção de Deus.

Você pode conferir a entrevista na íntegra ao Hinos & Prosa.

Aos irmãos da CIIP

Agradeço primeiramente ao nosso amado Senhor Jesus pelo privilégio de trabalhar em Sua obra, e fazer parte da igreja de Cristo. A honra seja dada ao nosso Deus!

Estou imensamente feliz com a contato dos irmãos sobre o meu artigo, e ainda mais feliz de poder vê-lo publicado além mar. Não conheci o Dr. Jayro pessoalmente, mas o testemunho deste servo do Senhor falou, e ainda fala muito comigo.

Espero um dia (e querendo o Senhor bem breve), conhecê-los pessoalmente. Um desejo meu e de meu esposo Gabriel.

Em Cristo,

Mariana Ramos Bastos Simone

Dossier Liderança na Igreja

Perfil de Líder: Apóstolo Paulo



**Jayro
Gonçalves**

O que vale no nosso exemplo de cristão é a marca positiva que deixamos.

Em Actos 20:18, Paulo afirma: “Vós bem sabeis como me conduzi entre vós em todo o tempo desde o primeiro dia em que entrei na Ásia”. Paulo tinha a certeza da convicção favorável que os crentes em Éfeso tinham a seu respeito (“vós bem sabeis”). Esse conceito só se alcança quando se adopta uma conduta rectilínea desde o começo e a mantemos sempre (“em todo o tempo”).

Poucos podem colocar-se como perfil de modelo nos termos em que Paulo o faz em Filipenses 4:9:

- O que **aprendestes** de mim (o seu ensino)
- O que **recebestes** de mim (o seu relacionamento pessoal)
- O que **ouvistes** de mim (o testemunho dos outros a seu respeito)
- O que **vistes** de mim (a evidência positiva do seu comportamento em todas as áreas)

Por tudo isso, Paulo podia afirmar convictamente: **ISSO FAZEI!**

As Características do Perfil de Líder do Apóstolo Paulo

1. Fidelidade no Serviço (Actos 20:19)

“Ao Senhor” – Deus não quer “salvos” apenas - Ele quer “servos”. Somos salvos para servir (Romanos 14:9). O Cristianismo não deve ser “estático”, isto é, apenas uma identificação

religiosa, mas “dinâmico”, isto é, uma manifestação espiritual activa e constante (João 10:10). Esse serviço deve enquadrar-se na **vontade do Senhor**, fazendo o que Deus quer e não o que achamos que devemos fazer (Salmos 89:20 – David; Esdras 7:10 – Esdras; João 4:34 – Jesus). Deve igualmente acontecer no **tempo do Senhor**, pois Deus tem o tempo certo para o que devemos fazer (“tudo fez Deus formoso no seu devido tempo” – Eclesiastes 3:11). Deve acontecer no modo do Senhor e isso implica a nossa “capacitação” e “actuação” de acordo com o modelo de Deus, ou seja, “aprendendo” e “actuando” de acordo com o que Deus ensina.

“**Com toda a humildade**” – isto não significa “complexo de inferioridade”, nem se trata de “omitir-se” em fazer o que nos cabe. O que está implícito aqui é, em primeiro lugar, o reconhecimento das nossas limitações (“sou servo inútil” – Lucas 17:10) e, de seguida, o reconhecimento da importância da participação colectiva (somos muitos “membros” mas formamos um só “corpo” – 1 Coríntios 12:12-14, 25-27), e ainda o reconhecimento da dependência e da suficiência do Senhor (“sem Mim nada podeis fazer” – João 15:5).

Com resignação – Paulo afirma que servia Deus “com toda a humildade, lágrimas e provações que, pelas ciladas dos judeus, me sobrevieram” (v. 20). Paulo confirmava assim que aceitava as circunstâncias adversas que muitas vezes se depararam no seu caminho (2 Timóteo

2:3) mas não se deixava abater com as adversidades (2 Coríntios 4:8-11) e entendia o valor das provações por que passava (2 Timóteo 2:10).

2. Fidelidade na Exposição da Palavra (Actos 20:20-21, 24-27)

Não deixando de anunciar coisa proveitosa – Paulo tinha o máximo cuidado em ser “objectivo” e “fiel ao texto e contexto, seguindo o exemplo de Jesus Cristo” (Mateus 7:28-29).

Ensinando no âmbito público e privado – veja-se os exemplos de Filipe (Actos 8:26-27), de Pedro (Actos 10:19-20) e de Paulo (Actos 11:26; 13:4-5; 16:13; 17:1-3, 16-23).

Testificando a todos o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo – o “arrependimento” e a “fé” são atitudes fundamentais para a eficácia do Evangelho.. Não são fáceis de ser reinvidicadas do pecador, para que alcance a salvação de Deus, mas não podem ser omitidas da correcta exposição da Palavra (Actos 2:38).

Testemunhando o Evangelho da Graça de Deus – a exuberante “Graça” de Deus é o conteúdo substancial da mensagem. A Graça “salva” (Efésios 2:8, Tito 2:11); a Graça “educa” (Tito 2:12); a Graça “conforta e fortalece” (2 Coríntios 12:9).

Anunciando todo o desígnio de Deus – Devemos lembrar-nos sempre que o “desígnio de Deus” tem uma “perspectiva eterna” (João 10:28; 1 Tessalonicenses 4:13-18).

3. Sintonia constante com Deus (Actos 20:23)

Essa era a experiência do apóstolo Paulo (“O Espírito Santo, de cidade em cidade, me assegura...” – v. 23). Tratava-se do envolvimento com o precioso ministério do Espírito Santo (Romanos 8:14 – “os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus”). João 14:16 indica-nos que o Espírito Santo foi prometido pelo Senhor Jesus para “estar para sempre” conosco e João 14:26 afirma que o Espírito Santo foi prometido para nos “fazer lembrar de tudo o que o Senhor Jesus nos ensinou” e para nos “ensinar todas as coisas”. Em João 16:13, o Senhor Jesus acrescentou que o Espírito Santo foi prometido para nos “guiar a toda a verdade” e nos “anunciar as coisas que hão-de acontecer”.

A operação eficiente desse ministério do Espírito exige “plenitude do Espírito” (Efésios 5:18), só alcançada quando nos empregamos à leitura e meditação da Palavra de Deus, à oração, à comunhão com Deus e à santificação prática.

4. Desprendimento e Submissão a Deus (Actos 20:22-24)

O “desprendimento” é essencial para uma total disponibilidade das nossas vidas a Deus. Em Lucas 9:23, o Senhor Jesus define o “desprendimento” através de três atitudes indispensáveis, que são o preço que deve ser pago no exercício do verdadeiro discipulado cristão:

- **Renúncia** (“negue-se a si mesmo”) – renúncia de ideias próprias, de vantagens oferecidas e de interesses pessoais.
- **Rejeição** (“cada dia tome a sua cruz”) – rejeitar o mundo e aceitar a rejeição que o mundo faz de nós.
- **Rendição** (“siga-me”) – deixar Cristo agir através de nós.

A “submissão” ao Senhor tem a ver com o Senhoria de Cristo. Em Romanos 12:1-2, Paulo define a maneira prática e correcta para adoptar uma atitude submissa na vida cristã:

- **Disposição e Submissão** (“apresenteis os vossos corpos”) – nada acontece até que tenhamos feito isto! O termo

“submissão” é composto de duas palavras: “sub” que significa “debaixo” e “missão”, ou seja, a “vocação” de Deus para a nossa vida. Essa atitude implica **sacrifício** (“vivo, santo e agradável a Deus”), **exclusividade** (“não conformação com este século”) e **transformação** (“pela renovação da mente”).

- **Direção e Utilização** (experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus). Quando apresentamos o nosso corpo, naquelas condições, o Senhor dá a “experiência” da Sua vontade.

5. Eficiente Actuação Exortativa (Actos 20:28, 30 e 32)

Paulo define as responsabilidades dos líderes na Igreja em relação ao rebanho. Não o faz, no entanto, sem antes concitá-los ao cuidado próprio, como atitude prioritária, pois o “exemplo” é que dá a autoridade ao exercício da liderança e actua, poderosamente, para o seu bom resultado (“olhai, pois, por vós”). Ele exorta-os:

- **A aplicarem-se no desvelo do rebanho** (v. 28). O apóstolo Pedro ensina como isso deve acontecer em 1 Pedro 5:1-3: sem constrangimento, com espontaneidade, sem sórdida ganância, de boa vontade, sem domínio e como modelo para o rebanho.
- **A vigiarem para repelirem os invasores que prejudicam o rebanho** (v. 31) – ao apresentar o seu exemplo, Paulo exortava os anciãos a uma constância na vigilância (“não cessei”), a uma compaixão na atitude (“com lágrimas”) e ao cuidado pessoal na atenção (“a cada um”).
- **A que se edificassem na Palavra do Senhor** (v. 32) – Paulo usa aqui a expressão que tem a ver com “construção” (“para vos edificar”) e a “Palavra da Sua graça” é a base sólida para essa edificação (“poderoso”).

6. Consciência do Contexto Adverso (Actos 20:29-30)

Esta era uma característica bem evidente no perfil de liderança do apóstolo Paulo. Infelizmente está sendo alienada na experiência ministerial dos nossos dias. Faz-se da ignorância do contexto adverso uma fórmula cómoda para não se ter problemas, o que, por si só, já implica um grande problema para a saúde espiritual do povo de Deus. Paulo coloca o foco em duas áreas básicas do contexto adverso:

- Naqueles que, **vindo de fora**, se aproveitam da ocasião para atacar o rebanho (os lobos vorazes). Paulo explora este foco em 2 Timóteo 3:1-7.
- Naqueles que, **dissimulados no próprio seio da Igreja**, usam linguagem pervertida e arrastam os discípulos após si. Paulo fala igualmente disto em 1 Timóteo 4:1-5.

7. Solidariedade Amorosa (Actos 20:33-35)

Paulo formula os aspectos da sua atitude nesta área, os quais devem ser adoptados por cada um de nós:

- Sem qualquer **cobiça material** (v. 33)
- Sem ser **pesado aos outros**, trabalhando para ter o que lhe era necessário e aos que com ele estavam (v. 34)
- Sempre pronto a **socorrer os necessitados** (v. 35)

Só um cristão autêntico, com o perfil de líder de Paulo, poderia ter a emocionante despedida que ele teve (vs. 36-38): oraram de joelhos com ele, choraram com ele, abraçaram-no afectuosamente, beijaram-no, entristeceram-se por não terem a certeza de o tornarem a ver e acompanharam-no até ao navio...

Dossier Liderança na Igreja

Perfil de líder: Josué



**Walter
Alexander**

Missionário escocês
no Brasil

Josué e o povo de Deus deram um passo de fé e obedecendo à ordem do Senhor entraram na terra de Canaã. Deram os primeiros passos dentro da sua herança, mas logo encontraram problemas, alguns grandes como Jericó, outros menores como a cidade de Ai. Conheceram vitória sobre Jericó, a dificuldade maior, mas sofreram derrota ao ir contra o menor. Na primeira investida foram na força do Senhor, obedecendo à Sua Palavra e seguindo às Suas instruções, por isso, venceram. Contra Ai eles fizeram os seus próprios planos, não consultaram ao Senhor e confiaram em sua própria força e sofreram fracasso e perda.

Como enfrentamos os nossos problemas? Como resolvemos as grandes e as pequenas questões da nossa vida? Levamos tudo ao Senhor e esperamos por Ele e por Sua orientação ou somos os arquitetos dos nossos propósitos e confiamos na nossa própria sabedoria e força?

1 REAVALIAÇÃO -v 13a.

Josué, como comandante ficou bem perto de Jericó para reconhecer o terreno, inspecionar os muros e as defesas da cidade e observar se havia uma brecha por onde seria fácil penetrar a fortaleza.

Isto mostra a sabedoria do líder, que era perspicaz e astuto. Josué reconheceu a necessidade de avaliar os pontos fortes, como também as fraquezas do inimigo.

Como crentes, no Senhor, precisamos exercer a mesma perspicácia. A Bíblia adverte sobre "os ardis" do inimigo (2 Coríntios 2.11); "as astutas ciladas" do diabo (Efésios 6.11) e "do laço" do diabo (1 Timóteo 3.7). O Senhor Jesus ensinou os

discípulos a orarem: "E não nos induzas à tentação; mas livra-nos do mal ou do maligno" (Mateus 6.13). Este é o segredo de sucesso e de vitória: é reconhecer a força e a astúcia do nosso adversário; orar confiando no poder do Senhor e usar a Sua Palavra como escudo.

Não sei qual é o seu Jericó. Pode ser uma forte tentação, um vício, um problema familiar, um temperamento incontrolável, um ressentimento bem arraigado, um espírito arrogante, a ganância pelo poder, mas sei o que você deve fazer: o mesmo que Josué fez, isto é, examiná-lo na presença do Senhor, analisar como há de vencê-lo e sair vitorioso.

Ninguém gosta de ser um perdedor, mas muitos crentes permitem que o inimigo alcance vantagem e que os mantenha em escravidão. No caso de Acã, ele descobriu que a sua fraqueza não foi bem a cidade em si, mas o que ele encontrou dentro da cidade. O que tem levado muitos crentes a fracassar é a avareza pelas coisas materiais. Ele "roubou coisas dedicadas a Deus e trouxe muitas dificuldades para o seu povo" (1 Crônicas 2.7).

Josué tinha a responsabilidade de liderar o povo de Deus, e vemos a sua preocupação, pois queria que os israelitas fossem vencedores desde o primeiro momento dentro dos limites da sua herança. Talvez você tenha um problema semelhante, pois quer que a igreja local onde é membro seja espiritual e que sempre avance.

2 REAJUSTAMENTO - "Que diz o meu nhor ao Seu servo".

Antes que o Senhor chegasse, é bem provável que Josué tivesse traçado os seus planos e estratégia. Isto é a prática normal. Convivemos com os problemas, vemos diariamente as

dificuldades e tentamos resolvê-los sozinhos, usando a nossa própria inteligência. Quantos de nós paramos para perguntar como Josué fez: "Que diz meu Senhor ao Seu servo?"

Nesta pergunta, que Josué fez, temos três fatos importantes e, são eles:

Superioridade "meu Senhor"

Josué reconheceu a superioridade do Senhor. Josué tinha sido chamado para liderar o povo, mas ele aprendeu que havia alguém superior a ele.

Jesus Cristo é Senhor. Deus fê-IO Senhor. Não há outro igual a Ele em posição, pois Ele tem um Nome que é acima de todos os nomes. Jesus Cristo está assentado no trono de Deus nos mais altos céus, na majestade das alturas. Ninguém está acima dEle e todos estão debaixo dEle. Ele é supremo, Ele é Senhor.

Há outro detalhe aqui que chama atenção, pois Josué chamou o Senhor de "meu Senhor". O líder reconheceu o senhorio de Cristo e curvou-se diante dAquele que era seu Senhor.

Ninguém pode disputar o fato de que Jesus Cristo é Senhor, mas o grande desafio para essa hora é se Ele é seu, se é meu Senhor. Sei que Ele ocupa o trono de Deus no céu, mas Ele ocupa trono da minha vida? Você entregou-Lhe o cetro da sua vida? O volante do seu ser está nas mãos do Senhor Jesus? Tudo o que você é, que tem, que quer ser, pertence a Ele?

Humildade "Seu servo"

Deus, mas na presença do Senhor ele reconheceu que era apenas um servo. Alguém disse que os humildes são como a água encanada, quanto mais desce, mais alto pode subir.

No mês de julho de 2011, a Grande Vitória ficou sem água. Um cano enorme que ficou enterrado há quase trinta anos foi corroído pela ferrugem. Quando o suprimento de água foi ligado de novo, os lugares mais altos foram os últimos a receber o precioso líquido.

D. L. Moody disse numa pregação: "Eu sou semelhante a uma vasilha furada; preciso estar sempre debaixo da torneira."

Perguntaram, certa vez, ao missionário Hudson Taylor por que razão ele só viajava nos trens de segunda classe? "Porque não há vagões de terceira classe" foi a pronta resposta.

Somos apenas servos, vasos e vasos barro.

Autoridade "Que diz"

Josué não quis saber o que o seu próprio coração dizia, mas quis conhecer a vontade do Senhor. Para que saibamos qual seja a boa, perfeita e agradável vontade de Deus é necessário que antes coloquemos o nosso ser sobre o Seu altar. Se quisermos aprender de Deus é imperativo que antes apresentemos a nós mesmos a Ele.

3 REAÇÃO - "És Tu dos nossos, ou dos nossos inimigos" (v13)

É bom saber quem está conosco ou contra nós. O Senhor advertiu os discípulos: "Qual é o rei que, indo à guerra a pelear contra outro rei, não se assenta primeiro a tomar conselho se com dez mil pode sair ao encontro do que vem contra ele com vinte mil?" (Lucas 14.31).

Josué tinha razão ao lançar essa pergunta, pois o homem está empunhando uma espada nua. Josué era líder, mas não reconheceu o Senhor, e nem tinha noção da Sua identidade. Sem conhecermos a Pessoa do Senhor nunca conheceremos o Seu poder. Foi por essa razão que o apóstolo Paulo orou: "Para conhecê-IO (a Pessoa), e à virtude da Sua ressurreição" (o poder) (Filipenses 3.10). Note bem a mesma ordem em Romanos 8.31 e 37. "Se Deus é por nós,

quem será contra nós?" (a Pessoa). "Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores" (o poder).

Você que é pregador, mestre da Palavra, missionário, presbítero, diácono ou professor da Escola Dominical conhece a Pessoa do Senhor Jesus, conhece-O de maneira íntima e conhece a plenitude do Seu poder em sua vida e ministério?

O nosso Deus é eterno. Ele existia antes de criar o nosso mundo do nada. O Senhor queria que Josué considerasse a grandeza da Sua Pessoa antes de confiar no Seu poder.

*Ó Deus eterno, excelso Deus,
Onipotente Criador,
Supremo Rei da terra e céus,
Só Tu és digno de louvor!
Ó Deus eterno, Deus sem par,
Além de Ti nenhum Deus há.
Eis o universo a demonstrar
Que Tua glória em tudo está!*



4 READAPTAÇÃO - *“Venho agora Príncipe do exército do Senhor”* (v 14).

Josué reconheceu que ele era apenas um combatente, mas o Senhor era o comandante. Jesus Cristo é Senhor, nós somos Seus subalternos.

É vergonhoso notar como empregamos o Senhor em vez de entronizá-IO como Comandante das operações. Fazemos os nossos planos e programas para depois pensarmos no Senhor ou pedirmos a Sua bênção. Em vez de darmos o lugar de Mestre ao Senhor tratamo-IO como muleta. A batalha é do Senhor, a bandeira que hasteamos é do exército celestial e o nosso brado deve ser: "Pela Tua graça, pelo Teu amor, Eis-nos do Teu lado, somos Teus, Senhor".

5 REAPROXIMAÇÃO - *“Descalça os sapatos de teus pés, porque o lugar em que estás é santo”* (v 15).

É necessário apreciar a Pessoa do Senhor antes de apropriarmos do Seu poder. Outra lição vem à tona aqui e é: para servirmos é imperativo que sejamos santos; antes de prestarmos serviços a Deus é imprescindível que sejamos puros perante Ele.

Josué tinha de aprender que antes dos pés dos sacerdotes entrarem no rio Jordão e antes das águas do rio se separarem para o povo passar, era necessário que tanto o povo como os sacerdotes se santificassem. Aqui o Senhor estava a dizer a Josué que antes de pisar na terra e ocupá-la (14.9), antes de subjugar reis, pondo os seus pés sobre os seus pescoços (10.24) era necessário descalçar os sapatos.

Josué estava a pisar em terra alheia e pagã, mas segundo o Senhor era terra santa. Temos a mania de separar a nossa vida em duas partes, a secular e a divina, a comum e a consagrada, mas tais divisões não existem para aqueles que estão na vontade e na obra do Senhor. Paulo escreveu: "Portanto, quer comais quer bebais, ou façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus" (1 Coríntios 10.31).

Se a vontade do Senhor nos conduzir ao Palácio presidencial ou a uma palhoça, a uma favela ou uma fazenda, a outro continente ou outra cidade é imperativo que estejamos puros perante o Senhor, que tenhamos um comportamento exemplar. Convém que estejamos aptos para servir.

*Mais pureza dá-me, mais força em Jesus,
Mais do Teu domínio,
mais paz pela cruz,
Mais rica esperança, mais obras aqui,
Mais celeste anseio, mais vida por Ti*

Já notaram a ordem aqui? Primeiro adoração (v 14) , depois o andar (v 15) e, em terceiro lugar o avançar (6.2).

6 REAFIRMAÇÃO - *“E fez Josué assim”* (v.15).

A garantia de vitória veio após a obediência de Josué. Deus deu o triunfo e o troféu, mas antes, era necessário que Deus trabalhasse a vida de Josué. Por que não está a ser exercido no poder do Espírito e com a autoridade vinda do trono de Deus?-Talvez cada um precise olhar para dentro da sua vida, examinar os motivos, o comportamento, o objetivo, avaliar o amor para com o Senhor Jesus, o testemunho e a vida em família. Será que há áreas que

precisam ser trabalhadas pelo Oleiro divino? Há tantas incoerências, falsidade, mesquinhez, politicagem, mentiras, acusações falsas, críticas injustas, avareza e impureza em nós que o Senhor não tem prazer em nos usar.

Quando jovem, o escultor Dannecker esculpiu muitas deusas gregas. Mais tarde, ele resolveu fazer uma estátua de Cristo. Tentou duas vezes sem sucesso, mas a terceira vez conseguiu. A escultura era admirada por muitos, inclusive a mais alta sociedade de então. O imperador Napoleão mandou trazê-lo a Paris para que pudesse fazer uma estátua de Vênus e dedicada à sua memória. Dannecker recusou dizendo: "Senhor, as mãos que esculpiram o Cristo não podem ser usadas para entalhar uma deusa pagã."

O Arcebispo Anselm de Cantuária morreu no início do século 12. Certa vez numa suas palestras ele disse: "Se me

fosse oferecido ter a vergonha do pecado ou, por outro lado ir para o inferno, e for obrigado a escolher, eu escolheria ser lançado no inferno sem pecado do que ir para o céu com pecado." A teologia do arcebispo era faltosa, mas mostra-nos que para ele o pecado na vida era coisa a ser odiada e detestada.

Que o Senhor nos dê essa aversão ao pecado para que sejamos vasos úteis nas mãos do Senhor!

7 REALIZAÇÃO - 6.2.

Antes de ir para a cruz do Calvário o Senhor tinha a plena certeza de realizar a vontade de Deus e de completar a obra: *“Eu glorifiquei-Te na terra, tendo consumado a obra que me deste a fazer”* (João 17.4). Da mesma maneira, antes de Josué começar a batalha, Ele recebeu a garantia de vitória. Na estima do Senhor a vitória já estava alcançada.

Não é assim conosco. A vitória final é do Senhor Jesus. O mal e nem o maligno vencerão, mas o Mestre. O erro não triunfará, mas sim a verdade. E nós, servos do Senhor venceremos, pois o Senhor Jesus já venceu.

*Vitória tenho em Cristo,
meu Salvador bondoso,
Salvou-me, comprou-me
com sangue remidor.
Em compaixão amou-me,
Da perdição salvou-me,
Vitória tenho em Cristo,
Jesus meu Salvador.*



Dossier Liderança na Igreja

A importância da liderança na igreja local



**Jabesmar
Guimarães**

Obreiro e ancião da Igreja
Evangélica de São Torquato
(Vitória, ES, Brasil)

Ao contrário do que se pratica na quase totalidade da cristandade, no Novo Testamento somos ensinados que a liderança da igreja é constituída por presbíteros. Assim, em lugar de um só líder, que normalmente é chamado de o pastor da igreja, o Novo Testamento aponta uma pluralidade de líderes, os quais em quatorze vezes são chamados de presbíteros e quatro vezes de bispos (At 20:28; Fp 1:1; 1 Tm 3:2; Tt 1:7). Por vezes, na mesma passagem são chamados de ambos (Cf. 20:17,28). Note que, apesar de terem a função de pastorear a igreja, nem ao menos uma única vez lhes é dado o título de pastor.

No que diz respeito ao reconhecimento de presbíteros nas igrejas locais, não somente sou favorável como também creio que a Bíblia dá muita importância ao assunto. Também não sou contra os presbíteros serem conhecidos como tal pelos de dentro e pelos de fora. Aliás, fica muito mal quando alguém de fora chega a determinadas igrejas locais e pergunta quem são os líderes, e os presbíteros ficam olhando uns para os outros e não se identificam de imediato. Quando finalmente se identificam, fazem-no quase como que se desculpando. Se um irmão é um dos presbíteros e lhe é perguntado sobre isso, identifique-se prontamente. Não há nada de errado nisto! O que é reprovável é a crescente tendência de dar destaque especial e criar classes nas igrejas locais.

A bem da verdade, é necessário dizer que o modelo bíblico para as igrejas locais inclui o fato de cada uma delas ter uma liderança reconhecida. Ou seja, uma igreja bíblica deve ter presbíteros! A menos, é claro, que por algum tempo isto não seja possível. Pode acontecer de uma igreja perder a liderança de uma hora para outra e não ser possível por algum tempo reconhecer presbíteros. Mas ficar anos a fio sem um presbitério reconhecido além de não ser bíblico, não faz bem à igreja. É sempre necessário fazer este esclarecimento antes de entrar no tema que é o assunto deste artigo.

Parece que o apóstolo Paulo percebeu, bem cedo no seu ministério, como é imprescindível o reconhecimento e estabelecimento de presbíteros nas igrejas locais. Na sua primeira viagem missionária ele, juntamente com Barnabé, fundou as igrejas de Antioquia, Icônio, Listra e Derbe (na Ásia Menor). Quando ele fez o caminho de volta com o intuito de fortalecer os crentes e exortá-los a permanecer firmes na fé (cf. At 14:22) lemos o seguinte: “E, promovendo-lhes, em cada igreja, a eleição de

presbíteros, depois de orar com jejuns, os encomendaram ao Senhor em quem haviam crido” (At 14:23). Certamente Paulo e Barnabé sabiam que era importante que cada igreja tivesse uma liderança reconhecida, pois uma igreja sem liderança fica sem rumo - ao mesmo tempo em que a responsabilidade é de todos, não fica sendo de ninguém. Uns acham que fulano é da liderança, ao passo que outros acham que é sicrano. Uma igreja sem liderança fica à mercê de aproveitadores.

Paulo expõe a sua preocupação quanto à infiltração de aproveitadores na igreja, bem como o levantamento dos lobos em pele de ovelha que estão dentro da igreja. No retorno da sua terceira viagem missionária Paulo chama os presbíteros da igreja em Éfeso para lhes dar algumas instruções. Vejamos: “Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue. Eu sei que, depois da minha partida, **entre vós penetrarão lobos vorazes, que não pouparão o rebanho. E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles**” (At 20:28-30).

Percebamos duas expressões que destacam a preocupação do apóstolo bem como nos mostram a importância de uma liderança na igreja. São elas: **entre vós penetrarão** e **dentre vós levantarão**. Paulo coloca sobre a liderança a responsabilidade de vigiar os que viriam de fora, bem como vigiar os de dentro que se levantariam para dividir a igreja.

As palavras “presbítero” e “bispo” significam basicamente a mesma coisa. Em Atos 20:17, 28, vemos Paulo se dirigindo aos presbíteros onde também os chama de bispos. Aqueles homens tinham a incumbência de pastorear a igreja. Eram eles que deveriam proteger a igreja dos “lobos” (falsos mestres) que nela penetram com o intuito de arrebanhar adeptos a si mesmos através dos seus ensinados errados. Também deveriam estar atentos com os de dentro, pois mesmo entre eles poderiam se levantar pessoas assim. Os presbíteros devem ser os primeiros a enfrentar o perigo! Como bons conhecedores da Palavra, desmontarão toda a argumentação contrária aos princípios bíblicos.

Uma liderança atenta logo detectará o perigo e não permitirá que os tais conquistem os corações menos atentos ou de novos convertidos para o seu erro. Vejamos, a seguir, alguns aspectos acerca do presbítero.



Dossier Liderança na Igreja

Indicação, reconhecimento e função dos Presbíteros



**Jabesmar
Guimarães**

Obreiro e ancião da Igreja
Evangélica de São Torquato
(Vitória, ES, Brasil)

Em 1Pedro 5:2,3 lemos: *“Rogo, pois, aos presbíteros que há entre vós, eu, presbítero como eles, e testemunha dos sofrimentos de Cristo, e ainda co-participante da glória que há de ser revelada: **pastoreai** o rebanho de Deus que há entre vós, não por **constrangimento**, mas **espontaneamente**, como Deus quer; nem por **sórdida ganância**, mas de **boa vontade**; nem como **dominadores** dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos **modelos do rebanho**”*.

Fica claro que os presbíteros devem ser exemplo, modelo para o rebanho de Deus. O comportamento deles deve refletir as marcas de uma vida pautada pela Palavra de Deus. Os presbíteros não devem ser dominadores, mas devem conduzir a igreja através do exemplo de vida. Assim, os demais serão levados a imitar o comportamento deles e eles, pelo seu testemunho, ganharão o respeito de todos os irmãos espirituais.

Apesar de destacar que não deve haver nenhuma distinção de classes dentro da igreja, pois o cabeça da igreja é Jesus Cristo e todos os demais fazem parte do corpo, creio que devemos

obediência e respeito para com aqueles a quem Deus colocou como nossos guias, pois são responsáveis perante o Senhor pelo bem estar da igreja. Aos presbíteros cabe a função de pastorear o rebanho local. Eles devem zelar para que o rebanho receba um bom alimento espiritual. Devem empenhar-se pessoalmente no ensino da igreja - a responsabilidade é deles. Isto não significa que só eles pregarão, mas que estarão atentos ao que está sendo pregado na igreja local.

Resumindo, a função dos presbíteros é exercer a liderança da igreja, esforçando-se para pastoreá-la por forma a que o rebanho cresça tanto qualitativamente como numericamente. Eles não devem ser mandões e “donos da verdade”, não devem liderar pela força como opressores, mas devem ter um tipo de vida que dignifique a Deus e sirva de modelo para os outros irmãos, de forma que estes se sintam atraídos a imitá-los.

A Indicação e Reconhecimento dos Presbíteros

Ao escolhermos presbíteros, deve-mos observar as qualificações bíblicas descritas em 1

Timóteo 3:2-7 e Tito 1:6-9. Deve ser por elas que os candidatos devem ser analisados. Não devem ser avaliados por padrões terrenos tais como: realizações terrenas, fama, sucesso, competência nos negócios, posição social, capacidade intelectual, idade, parentesco, amizade, simpatia, apenas por ser idoso ou pelo grau de instrução (embora eu entenda que uma pessoa que não saiba ler não tem como estudar - não podendo, portanto, ser apto para ensinar). O ensino do Novo Testamento mostra que os presbíteros têm que ser avaliados pelo exemplo em seu viver diário. **Isto não é uma opção e sim uma exigência.**

Parece haver no Novo Testamento algumas ocasiões nas quais os que serviriam a igreja foram escolhidos por toda a congregação. Apesar dos apóstolos estarem presentes na igreja em Jerusalém, não foram eles que escolheram os sete primeiros diáconos. Pelo contrário eles disseram à igreja: **“irmãos, escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, aos quais encarregaremos deste serviço”**. O mesmo se deu na escolha do substituto de Judas - não foram os onze que o escolheram. Lemos em Atos 1:15: **“Naqueles dias, levantou-se Pedro no meio dos irmãos (ora, compunha-se a assembléia de umas cento e vinte pessoas)”**. Quando precisaram enviar pessoas para transmitir a decisão dos apóstolos aos crentes da Galácia eles o fizeram em comum acordo com a igreja. Tanto a escolha quanto o envio foram feitos pelos apóstolos e presbíteros juntamente com a igreja. Vejamos: **“Então, pareceu bem aos apóstolos e aos presbíteros, com toda a igreja, tendo elegido homens dentre eles, enviá-los...”**

Como mencionei anteriormente, no retorno da sua primeira viagem missionária, Paulo e Barnabé, atentaram para a necessidade de

estabelecer presbíteros nas novas igrejas. Em Atos 14:23 lemos: **“E, promovendo-lhes, em cada igreja, a eleição de presbíteros, depois de orar com jejuos, os encomendaram ao Senhor em quem haviam crido.”** A Bíblia dá-nos a entender que a escolha dos líderes se deu através de eleição. A palavra grega usada aqui é **“REIROTONÉSANTES”** (de reirotonéo) que aparece somente aqui e em 2 Coríntios 8:19 referindo-se ao irmão que foi **eleito** pelas igrejas para ser companheiro de Paulo na administração das ofertas recolhidas em favor dos crentes em Jerusalém. A palavra grega para mão é **“CEIVR”**, **“CEIROV”**, (reír - reirós) e os léxicos da língua grega indicam que ceirotoneww (reirotonéo) significa eleger através do erguer as mãos (podendo ainda significar apontar, indicar).

Apesar de necessário, não devemos ter demasiada pressa para reconhecer presbíteros. Em minha opinião é melhor não ter presbíteros, por um tempo, do que colocar pessoas desqualificadas biblicamente para exercer a função. O prejuízo é líquido e certo!

A Bíblia diz que: quem **“aspira ao episcopado, excelente obra almeja”** (1 Timóteo 3:1). É bom atentar que ela não diz: excelente **cargo almeja**, ou ainda **excelente posição almeja**. Se alguém na igreja estiver cobiçando o cargo, posição ou poder, certamente essa pessoa ficará tomada de ciúmes, ficará aborrecida e chateada se porventura não for indicada pela igreja. Se isso acontecer é bom dar graças ao Senhor por não ter permitido que tal pessoa fosse reconhecida, pois não estava com a visão bíblica do que é ser presbítero. Seria um péssimo modelo para o rebanho e, mais cedo ou mais tarde, traria prejuízo para a igreja.

Portanto, a indicação e o reconhecimento dos presbíteros devem ser feitos pela igreja sob a orientação do Espírito Santo.



Dossier Liderança na Igreja

Autoridade e disciplina dos Presbíteros

A Autoridade dos Presbíteros

É preciso ressaltar que qualquer atitude ou movimento que vise desestabilizar a liderança, **trombará de frente** com Deus.

A Bíblia nos ensina a sermos submissos para com aqueles que são líderes na igreja local onde somos membros. Em Hebreus 13:17 lemos: *“Obedecei aos vossos guias e sede submissos para com eles; pois velam por vossa alma, como quem deve prestar contas, para que façam isto com alegria e não gemendo; porque isto não aproveita a vós outros.”* Levantar-se gratuitamente contra a liderança é pecado; tentar minar a sua autoridade é pecado; rebeldia preconcebida contra a liderança é pecado. Não devemos nos tornar um peso para aqueles que nos pastoreiam. Cabe a nós tornar fácil a tarefa deles; eles, por sua vez, devem estar cientes que prestarão contas diretamente a Deus pela forma como desempenharam essa função.

É bom lembrar aos presbíteros que autoridade não é igual a autoritarismo. Paulo foi investido no apostolado por ninguém menos que o Senhor Jesus. Contudo, quando teve que tratar com o pecador da igreja de Corinto, ele não decretou a sua exclusão sozinho. Apesar de ter autoridade para determinar a exclusão, lemos que ele o fez juntamente com a igreja. Vejamos *“Eu, na verdade, ainda que ausente em pessoa, mas presente em espírito, já sentenciei, como se estivesse presente, que o autor de tal infâmia seja, em nome do Senhor Jesus, reunidos vós e o meu espírito, com o poder de Jesus, nosso Senhor, entregue a Satanás para a destruição da carne, a fim de que o espírito seja salvo no Dia do Senhor Jesus”* (1 Coríntios 5:3-5). Paulo exercia autoridade sem ser autoritário.

Outro alerta aos presbíteros pode ser inferido de Tiago 3:1 que diz: *“Meus irmãos, não vos torneis, muitos de vós, mestres, sabendo que havemos de receber maior juízo.”* Os líderes serão avaliados com mais rigor, ou como diz a versão Revista e Corrigida, receberão *“mais duro juízo”*. Portanto, é necessário que os presbíteros procurem esmerar-se para pastorear a igreja de forma bíblica, sendo aqueles que pastoreiam mais pelo exemplo do que pela imposição.

Por último, devemos atentar para o fato de que há no Novo Testamento lugar para presbítero em tempo exclusivo. Estes são aqueles que dedicam o seu tempo a estudar as Escrituras para prover ensino sadio ao rebanho e alimento espiritual de qualidade. Lemos sobre eles em 1 Timóteo 5:17,18: *“Devem ser considerados merecedores de dobrados honorários os presbíteros que presidem bem, com especialidade os que se afadigam na palavra e no ensino. Pois a Escritura declara: Não amordaces o*

boi, quando pisa o trigo. E ainda: O trabalhador é digno do seu salário.”

Aliás, na realidade das igrejas localizadas nas grandes cidades é praticamente impossível àqueles irmãos que trabalham o dia inteiro conseguir tempo para exercer o pastoreio de forma satisfatória. Sabemos que alguns se esforçam para, depois de um dia cheio e cansativo, fazer visitas e devemos ser gratos a Deus por homens com tal disposição. Mas também sabemos que dificilmente eles conseguirão dedicar o tempo necessário para se esmerar no estudo da Palavra, para visitar, para cuidar dos enfermos, para buscar os fracos e desviados etc. Havendo um presbítero com mais disponibilidade de tempo esta necessidade seria suprida.

É por isso que nós devemos orar e procurar não ser um peso para os presbíteros. Se a carga se tornar pesada eles perderão a alegria e gemerão sob o seu peso (c.f. Hebreus 13:17). Enquanto eles velam pelas nossas almas, devemos velar por eles em oração e procurar, na medida do possível, oferecer o nosso ombro para ajudá-los naquilo que porventura venham a precisar de nós.

Notemos também que não há um único precedente bíblico para um presbítero presidir os outros presbíteros. Cada presbítero deve ser submisso primeiramente ao Senhor e depois aos outros presbíteros. Se cada um agir assim haverá igualdade e nenhum quererá dominar sobre os outros. É isso que vemos na Palavra de Deus.

A disciplina de um presbítero

Apesar de criticarmos as igrejas que têm pastor, por supostamente ser ele o “manda chuva”, em algumas igrejas os presbíteros são uma espécie de classe de intocáveis, de inquestionáveis. Contudo a Bíblia nos mostra que os presbíteros estão sujeitos ao julgamento da igreja. Se um presbítero estiver em pecado, pode ser denunciado para que a igreja trate com ele. Há, porém, uma séria advertência bíblica

quanto a denúncia contra um presbítero. Ela tem que ser bem fundamentada. Por vezes, o presbítero terá que tomar decisões ou assumir posições que desagradarão a alguns podendo, com isto, tornar-se o alvo de pessoas mal intencionadas. Por isso a Bíblia adverte: “*Não aceites denúncia contra presbítero, senão exclusivamente sob o depoimento de duas ou três testemunhas*” (1 Timóteo 5:19). Isto protege o líder de ataques pessoais e dificulta a ação de fofoqueiros maldosos que porventura queiram atingi-lo.

Porém, há na Bíblia espaço para a disciplina de um presbítero. Ele não é intocável e pode sofrer o julgamento da igreja. Em 1 Timóteo 5:20 lemos: “*Quanto aos (presbíteros) que vivem no pecado, repreende-os na presença de todos, para que também os demais temam*” (parênteses meus). O contexto nos mostra que Paulo ainda está falando dos presbíteros. Se o presbítero insistir em heresias ou condutas flagrantemente contrárias à Palavra de Deus ou se ele teimar em viver fora dos padrões bíblicos, deve ser repreendido publicamente. A repreensão pública do pecado de um líder mostrará à congregação que há seriedade na liderança e aumentará a confiança na integridade do presbitério.

A razão para a repreensão pública é que o mau exemplo do presbítero pode ter o efeito negativo de contaminar outras pessoas na igreja. O mau exemplo de um líder pode servir de desculpa para que o rebanho de Deus leve uma vida espiritual relaxada.

Como somos dados a exageros, é bom lembrar que esta repreensão não deverá ser feita por qualquer um. Nestas alturas dos acontecimentos, os outros presbíteros já deverão ter conversado com o presbítero que teima em manter uma atitude pecaminosa. Cabe a eles esta repreensão pública. Devemos lembrar que Paulo estava-se dirigindo a Timóteo, que era um líder. Não me parece certo que qualquer um levante numa reunião da igreja para repreender a um presbítero.



Jabesmar Guimarães

Obreiro e ancião da Igreja Evangélica de São Torquato (Vitória, ES, Brasil)





Dossier Liderança na Igreja

Duração e destituição da liderança

Uma pergunta que sempre surge é quanto à duração da função de um presbítero. É um cargo vitalício? Pode ser perdido? Ao contrário do que se pensa este não é um cargo e muito menos um cargo vitalício. Sei de presbíteros que quando agiam errado e eram questionados usavam frases tais como: “**Ai daquele que tocar a mão contra o unguido do Senhor!**” Fazem isso para se imporem pelo terror e não, como é bíblico, pelo exemplo. Como não lideram pelo exemplo lideram pelo terror psicológico. Se por um lado não devemos nos rebelar contra um líder da igreja, pois como já vimos é pecado grave contra o Senhor, por outro lado, se a igreja está vendo que o presbítero perdeu as qualificações bíblicas, ela deve procurar os outros presbíteros e, cuidadosamente, mostrar que ele está prejudicando o rebanho do qual deveria cuidar.

Quando alguém perde as qualificações bíblicas, não há como a igreja mantê-lo como presbítero. Mas este deve ser um processo longo que deverá ser regado de constante oração, pedindo ao Senhor que ilumine o irmão de forma que ele possa voltar ao bom senso. Se isto

acontecer a igreja deve se alegrar, mas caso não aconteça e ele teimar em viver em desacordo com a Palavra, deve, como vimos acima, ser repreendido publicamente e ser disciplinado. **Sendo repreendido publicamente e disciplinado, ele perde a condição de modelo. Perdendo a condição de modelo, perde a condição de ser presbítero.**

Tomei conhecimento do caso de um presbítero que já caiu em pecado de adultério por quatro vezes e ainda é conservado na função. Fico-me perguntando que autoridade teria um irmão assim para repreender um membro que está neste pecado ou para ensinar a igreja sobre este assunto. Este é, para mim, o exemplo de um irmão que está desqualificado para exercer a função de presbítero.

Que o Senhor tenha misericórdia de nós, nos ilumine e nos ajude a estarmos em total dependência do Espírito Santo, nesta fase onde, em obediência à Sua Palavra, apontaremos e reconheceremos os presbíteros da nossa igreja local. Que nesta escolha a vontade do homem desapareça, seja tornada nula e prevaleça a vontade do Senhor.





Jabesmar Guimarães

Obreiro e ancião da Igreja Evangélica de São Torquato (Vitória, ES, Brasil)

Nota Final

Vários irmãos já me perguntaram como seria, na prática, feita a indicação, eleição e o reconhecimento de presbíteros na igreja local. Alguns me dizem que na sua localidade quem escolhe presbíteros é o presbitério sem que a igreja tenha qualquer participação. Outros dizem que na sua igreja acontece uma assembleia e alguém se levanta e aponta o fulano para ser presbítero e os outros, mesmo sabendo que tal irmão não preenche as qualificações bíblicas, ficam sem jeito de se manifestar e o prejuízo vem logo depois.

Sinceramente, nenhum dos casos acima me parece ser bíblico. O que vejo em Atos é toda a igreja participando do processo. Apesar de crer que isto era feito por eleição (não a eleição de qualquer um, mas dos que tinham as qualificações bíblicas), não encontro na bíblia detalhes de como fazer isso.

O que posso compartilhar com os leitores foi o que fizemos na nossa igreja. Chegamos ao ponto de, por algum tempo, ficar somente com um presbítero. Ele foi envelhecendo e já não podia fazer muita coisa na igreja. Ele mesmo ressaltou a importância da igreja reconhecer outros presbíteros. Ficamos em oração durante dois anos até que chegamos ao momento de fazer a escolha. Vários de nós tinham receio de fazer da forma antiga que era a de qualquer membro se levantar e apontar alguém para a função. Sabíamos que caso isto acontecesse haveria o risco de dissabores, caso o apontado não tivesse as qualificações bíblicas, pois há pessoas sem o menor bom senso que fariam a indicação com base em amizade, empatia etc. e não no que a Bíblia diz.

A fim de evitar este tipo de situação, depois de muita oração, entramos em entendimento sobre a seguinte forma: 1) Seriam dados estudos sobre o modelo bíblico de liderança; 2) Seria eleita uma comissão de irmãos espiritualmente maduros que avaliariam os indicados à luz de 1 Timóteo e Tito; 3) Em dia determinado seria dado a cada membro da igreja a oportunidade de indicar secretamente de um a três irmãos em cédulas (foi solicitado que, devido à seriedade do momento, ninguém falasse para outros quem indicaria para que não ficasse parecendo campanha política); 4) As pessoas indicadas foram procuradas por irmãos da comissão para saber se aceitariam a indicação, sabendo que se aceitassem seriam avaliados segundo os requisitos bíblicos, podendo inclusive se conversar com suas esposas e filhos; 5) Os que aceitaram a indicação foram avaliados pela comissão que ponderou todos os aspectos; 6) Os irmãos que foram previamente “aprovados” pela comissão foram levados para toda a igreja e foi dado um prazo de dois meses para que caso alguém tivesse conhecimento de algum fato que desabonasse algum deles comunicassem isto a comissão. Ninguém se manifestou e passamos ao último estágio. 7) Foi marcado um culto especial onde a igreja reconheceu os presbíteros e até ao momento não temos motivo de arrependimento quanto a isto.

Para que o leitor tenha uma ideia, foram indicadas doze pessoas, destas, somente quatro aceitaram a indicação. Dos quatro, três foram aprovados pela comissão e levados para a igreja. Isto evitou constrangimentos, pois só quem sabe que o irmão não foi aprovado são as pessoas da comissão, ele e as duas pessoas que o indicaram. Já se passaram vários anos e até ao presente momento não temos motivos senão para agradecer a Deus pela decisão tomada pela igreja na dependência do Senhor.



A Páscoa que Jesus celebrou

(2ª parte)

A grande alteração no rito pascal foi a introdução de um cerimonial chamado Seder, que era composto de quatro partes. Cada uma delas era iniciada pela passagem de um cálice, que simbolicamente representavam períodos da história dos hebreus como escravos na terra do Egito, bem como a poderosa atuação de Deus no intuito de libertá-los de tal jugo. O intuito de tais acréscimos à celebração foi torná-la mais didática, para que as famílias hebraicas compreendessem melhor o significado da Páscoa.

a) Passagem do primeiro cálice, que simbolizava a escravidão

Cabia ao chefe da família encher um cálice com vinho, que simbolizava o período de escravidão no Egito, e partilhá-lo com os demais participantes. Após a passagem do cálice, iniciava-se uma cerimônia de lavagem das mãos, simbolizando a necessidade da limpeza moral e espiritual dos hebreus. A primeira parte do Seder se encerrava com o ato de se comer ervas amargas, misturadas a um molho com maçãs, romãs, tâmaras, figos, passas e vinagre, denominado charoset, que deveria ser comido com o pão sem fermento.

b) Passagem do segundo cálice, que simbolizava a libertação dos hebreus do Egito

Passava-se um segundo cálice, que simbolizava a libertação dos hebreus do Egito. O chefe da família deveria explicar a todos o significado da Páscoa, especialmente para os mais novos (Êxodo 12, 14)⁶. Seguia-se um momento de adoração a Deus, com cânticos espirituais (Salmos 113 e 114), para logo após ser servido o cordeiro. Cabia ao chefe da família lavar novamente as mãos, para em seguida dividir os pães que seriam comidos juntamente com a carne do cordeiro.

c) Passagem do terceiro cálice, que simbolizava a redenção e a bênção de Deus

A passagem do terceiro cálice simbolizava a redenção propiciada por Deus, que livrou o seu povo da escravidão e o conduziu à terra prometida, bem como as bênçãos derramadas pelo Criador sobre o povo hebreu.

d) Passagem do quarto cálice, que simbolizava a consumação



Hendersen Neumann

Obreiro na Igreja Evangélica em Coimbra

⁶ Êxodo 12, 14 (ARC): "E este dia vos será por memória, e celebrá-lo-eis por festa ao Senhor; nas vossas gerações o celebrareis por estatuto perpétuo."



O quarto cálice, que representava a consumação do plano de Deus, deveria ser passado pelo chefe da família a todos os presentes. Seguiu-se um momento de adoração a Deus, através de cânticos espirituais (Salmos 115 a 118), que marcavam o término da celebração.

6. Como Jesus celebrou a Páscoa

Pelo que sabemos através relato das escrituras sagradas, Jesus determinou que seus discípulos realizassem os preparativos para a Páscoa:

Mateus 26, 17-19 (ARC):

*“17 E, no primeiro dia da Festa dos Pães Asmos, chegaram os discípulos junto de Jesus, dizendo: **Onde queres que preparemos a comida da Páscoa?** 18 E ele disse: **Ide à cidade a um certo homem e dizei-lhe: O Mestre diz: O meu tempo está próximo; em tua casa celebrarei a Páscoa com os meus discípulos.** 19 **E os discípulos fizeram como Jesus lhes ordenara e prepararam a Páscoa.**”*

Marcos 14, 12-16 (ARC):

*12 E, no primeiro dia da Festa dos Pães Asmos, quando sacrificavam a Páscoa, disseram-lhe os discípulos: **Aonde queres que vamos fazer os preparativos para comer a Páscoa?** 13 E enviou dois dos seus discípulos e disse-lhes: **Ide à cidade, e um homem que leva um cântaro de água vos encontrará; segui-o.** 14 E, onde quer que entrar, dizei ao senhor da casa: **O Mestre diz: Onde está o aposento em que hei de comer a Páscoa com os meus discípulos?** 15 E ele vos mostrará um grande cenáculo mobilado e preparado; preparai-a ali. 16 E, **saíndo os seus discípulos, foram à cidade, e acharam como lhes tinha dito, e prepararam a Páscoa.**”*

Lucas 22, 7-13 (ARC):

*“7 Chegou, porém, o dia da Festa dos Pães Asmos, em que importava sacrificar a Páscoa. 8 **E mandou a Pedro e a João, dizendo: Ide, preparai-nos a Páscoa, para que a comamos.** 9 E eles lhe perguntaram: **Onde queres que a preparemos?** 10 E ele lhes disse: **Eis que, quando entrardes na cidade, encontrareis um homem levando um cântaro de água; segui-o até à casa em que ele entrar.** 11 E direis ao pai de família da casa: **O mestre te diz: Onde está o aposento em que hei de comer a Páscoa com os meus discípulos?** 12 Então, ele vos mostrará um grande cenáculo mobilado; aí fazei os preparativos. 13 E, **indo eles, acharam como lhes havia sido dito; e prepararam a Páscoa.**”*

Os preparativos para a Páscoa celebrada por Jesus e seus discípulos, em 33 d.C., envolveram a prática dos seguintes atos: a) levar o cordeiro ao templo, para o sacrifício; b) trazer o cordeiro ao cenáculo, para ser preparado; c) comprar os pães e o vinho; d) comprar os ingredientes necessários e preparar o prato com as ervas amargas. A narrativa empreendida por Mateus é especialmente interessante para verificarmos o uso do rito tradicional do Seder pascal por Jesus em parte da celebração da Páscoa, bem como para compreendermos que, em dado momento, o Messias se afastou do cerimonial tradicional, com o objetivo de emprestar um novo significado para a festa pascal.

Mateus 26, 20-30 (ARC):

*“20 E, chegada a tarde, assentou-se à mesa com os doze. 21 E, enquanto eles comiam, disse: **Em verdade vos digo que um de vós me há de trair.** 22 E eles, entristecendo-se muito, começaram um por um a dizer-lhe: **Porventura sou eu, Senhor?** 23 E ele, respondendo, disse: **O que mete comigo a mão no prato, esse me há de trair.** 24 **Em verdade o Filho do Homem vai, como acerca dele está escrito, mas ai daquele homem por quem o Filho do Homem é traído! Bom seria para esse homem se não houvera nascido.** 25 E, respondendo Judas, o que o traía, disse: **Porventura, sou eu, Rabi?** Ele disse: **Tu o disseste.** 26 Enquanto comiam, Jesus tomou o pão, e, abençoando-o, o partiu, e o deu aos discípulos, e disse: **Tomai, comei, isto é o meu corpo.** 27 E, tomando o cálice e dando graças, deu-lho, dizendo: **Bebei dele todos.** 28 **Porque isto é o meu sangue, o sangue do Novo Testamento, que é derramado por muitos, para remissão dos pecados.** 29 **E digo-vos que, desde agora, não beberei deste fruto da vide até àquele Dia em que o beba de novo convosco no Reino de meu Pai.** 30 E, tendo cantado um hino, saíram para o monte das Oliveiras.”*

Mateus narra que a celebração da Páscoa de Jesus e seus discípulos teve início na parte da tarde (versículo 20). Embora não conste expressamente do texto bíblico, devemos considerar que Jesus deve ter seguido o rito tradicional do Seder, pois o Messias sempre demonstrou grande respeito pelos ritos e tradições dos hebreus. Logo, Jesus deve ter iniciado a celebração pascal ao encher e passar o primeiro cálice aos discípulos, que simbolizava o período da escravidão no Egito. A cerimônia de lavagem das mãos, símbolo da necessidade de limpeza moral e espiritual dos hebreus, foi provavelmente substituída pelo ato de Jesus de lavar os pés dos discípulos (João 13, 4-5). A conclusão do primeiro ato do Seder deve ter se dado após ter sido servido o prato elaborado com ervas amargas, acompanhado dos pães sem fermento.

“Porque, se vivemos, para o Senhor vivemos; se morremos, para o Senhor morremos. De sorte que, ou vivamos ou morramos, somos do Senhor.” (Romanos 14:8)

... a propósito da Eutanásia

A busca por uma boa morte

Ensaio sobre a Vida e a Morte

(1ª parte)

Na sua tragédia *Electra* (cerca 410 A.C.), Sófocles imagina um drama familiar em torno do homicídio do pai de família, Agamemnon, e a busca por vingança de dois dos seus filhos, Orestes e Electra. Orestes era dado como morto mas, eis que regressa para vingar o seu pai. Ao encontrá-lo, a sua irmã Electra não esconde a alegria: “Agora, pois, que vieste a mim tão maravilhosamente, comanda-me conforme a tua vontade; pois, ficasse eu só, teria alcançado uma de duas coisas, – um nobre livramento, ou uma nobre morte”.

Uma nobre morte, ou, como ouvimos mais frequentemente, uma boa morte. Todos a desejamos mas, o que é exactamente uma *boa morte*? Para a personagem de Sófocles a boa morte era um misto de heroísmo e vingança. As histórias têm normalmente uma visão muito romântica da morte. Alguém morre para salvar outros, ou morre por uma causa, ou morre tentando viver intensamente. Para muitos essa é a boa morte. Para outros, é a morte tranquila. Uma passagem durante o sono, sem dor, quase imperceptível. Um dos grandes terrores da morte é que o encontro com ela seja longo e sofrido. É por causa desse medo que surge a ideia de eutanásia (literalmente do grego, boa morte). Conforme entendemos o termo hoje, a eutanásia é o acto pelo qual ajudamos alguém a morrer. Outros termos têm sido usados: suicídio a pedido, suicídio assistido, antecipação da morte, antecipação do fim de vida, morte medicamente assistida, etc.. Outra citação atribuída a Sófocles é: “O pior não é morrer, mas ter de desejar a morte e não conseguir obtê-la”. Perante alguém em profundo sofrimento, a ponto de desejar a morte sem achá-la, ajudar essa pessoa a morrer parece um acto de misericórdia.

O meu avô materno morreu numa unidade de cuidados intensivos após uma batalha, perdida, com um cancro. O meu avô paterno morreu em casa, na sua cama, durante o sono. Antes disso, passou anos em hemodiálise por causa de uma insuficiência renal. A avó paterna morreu como culminar de sucessivos internamentos por infecções pancreáticas, e um longo e doloroso caminho de perda de capacidades, memória e lucidez causados

pela demência. A avó materna sobrevive limitada a uma cama, há quase uma década, com dores, múltiplos internamentos por insuficiência respiratória, mas perfeitamente lúcida. Já a ouvi desejar a morte, não provocada, mas no tempo de Deus, que ela espera seja em breve. Mas de cada vez que a visito e levo os meus filhos, seus bisnetos, parece que as forças se renovam e a vontade de viver mais um pouco silencia os pensamentos sombrios de quando a dor é mais intensa.

Partilho a minha vivência pessoal para dizer que não sou estranho ao sofrimento de quem está no vale da sombra da morte. Não quero tratar a questão levemente, nem desconsiderando os argumentos de parte a parte. Como li recentemente, e concordo, “*assumamos, sem birra preconceituosa, a bondade de ambas as posições conflitantes: nem caçadores de velhos aqueles que votaram a favor nem sádicos inconfessados aqueles que votaram contra.*” (Miguel Granja, Sapo 24) Isso não quer dizer, contudo, que a escolha por uma ou outra posição seja moral e eticamente neutra. Não é! Por isso, a reflexão ética e moral não se esvazia pela aprovação de uma lei que define determinado comportamento como legalmente aceitável.

Alguns dos argumentos usados pelos defensores da eutanásia são a livre escolha de cada indivíduo, o sofrimento perante doenças irreversíveis e fatais, o custo de tal condição nos relacionamentos próximos e a dignidade da pessoa humana. Consideremos, por vez, cada um dos argumentos.

A livre escolha não é, nunca foi, um valor absoluto. A minha liberdade está, em muitas áreas – para não dizer todas – limitada por outros valores que enquadram qual o leque de escolhas livres que eu posso, em consciência, fazer. A ideia de que eu posso escolher o que quer que seja sem poder ser contrariado é um exagero ideológico do pensamento moderno, que está na base de muita da conflitualidade social e cultural em que estamos mergulhados hoje. É, simultaneamente, causa de injustiças mais do que progressos civilizacionais. (Note-se, a propósito, em relação à interrupção voluntária da gravidez, que a liberdade de

escolha da mulher, tomada enquanto valor absoluto, priva o pai do seu direito à paternidade sem que possa, de algum modo, fazer valer a sua vontade ou desejo.) A respeito da morte voluntária cai-se numa flagrante contradição: um suicida é impedido de cumprir o seu desejo mas alguém que pede para morrer (eutanásia) está a fazer uma escolha válida e aceitável. Por que é que num caso insistimos em manter a pessoa viva e no outro consentimos na morte? Por que é que num caso consideramos que a escolha não é livre – haverá alguma razão para que aquela pessoa se sinta empurrada para pôr termo à vida –, enquanto no outro argumentamos que não há nenhum condicionante à decisão? Por que é que num caso nos sentimos compelidos a ajudar – impedindo o acto, revertendo medicamente uma acção que conduz à morte, prestando apoio psicológico, etc., sendo esse o acto de misericórdia, e no outro, a misericórdia consiste em desistir do outro? Qualquer escolha, ainda que livre, deve respeitar o conjunto de valores que globalmente acolhemos enquanto sociedade humana. Nesses está o valor da vida e da dignidade da pessoa humana que, mesmo sem pendor religioso, preservamos na Constituição e na Declaração Universal dos Direitos do Homem.

O sofrimento é, talvez, a dimensão desta discussão mais difícil de tratar. Em parte, porque é aquela que mais rapidamente desperta uma resposta emocional, e também, porque é difícil de catalogar. Quanto é um sofrimento irreversível que justifica e valida o desejo de morrer? É um sofrimento físico ou também psicológico, emocional ou mental? Como podemos aferir estas coisas? A lei em aprovação em Portugal limita, para já, a opção da eutanásia a situações de sofrimento causados por doença irreversível e fatal. O argumento segue mais ou menos assim: “A pessoa vai morrer daquela doença. É inevitável. Não há nada que a ciência médica possa fazer para reverter esse resultado. Mas, podemos poupar esse indivíduo a um lento e doloroso definhamento e antecipar o momento da morte.” O argumento é forte e apelativo. No entanto, não podemos ignorar que ao ultrapassar o limite da inviolabilidade da vida humana – ainda que invocando razões humanitárias – abrimos um caminho perigoso, conhecido cientificamente como rampa

deslizante (essa tendência pode ser observada nos países que aprovaram a eutanásia, e mesmo o aborto, há mais tempo), que rapidamente levantará outras solicitações, para as quais não teremos argumentos de combate. O que fazer quando uma pessoa saudável invocar um sofrimento psicológico insuportável? Ou quando um velho perder a vontade de viver? Que argumento invocaremos para limitar a sua liberdade de escolha ou para decidir que o seu sofrimento é diferente e menos válido do que o de outros? A questão, como se vê, está longe de ser simples. Ignorar os problemas éticos e morais que ela levanta não é sério. Não quero, nem posso, minimizar ou menosprezar o sofrimento de quem se vê envolto nos braços da morte. Mas, desde quando é que a ausência de sofrimento se tornou um valor ideal e absoluto? Não faço a apologia do sofrimento ou da dor. Não sou nem sádico nem estóico. A dor, no entanto, faz parte da vida. E, se bem fazemos em preveni-la e evitá-la quando possível, o ideal utópico de uma vida sem dor é reflexo de uma mentalidade hedonista, individualista e irrealista. Para mostrar como é complexa esta questão, não podemos deixar de considerar o impacto que o avanço das ciências médicas tem nesta causa. O prolongamento da esperança média de vida, o tratamento de múltiplas doenças antes fatais, a capacidade de salvar vidas *in extremis* com sequelas que o sobrevivente terá que lidar, as práticas (por vezes más) de prolongamento artificial da vida sem interferência no resultado expectável, criou dilemas éticos e morais tais como a definição de morte, onde parar um tratamento médico, quando desligar uma máquina de suporte avançado de vida, os testamentos vitais, ordens de não ressuscitação, etc. Neste caso, o progresso científico não só se mostrou incapaz de esclarecer qual o sentido da vida, como se revelou promotor de dilemas insolúveis sobre a morte e o morrer. Discutir a eutanásia separadamente destas questões é enviesamento ideológico. A resposta humana perante o sofrimento do outro é a compaixão, o *sofrer com*, proporcionando, na medida possível, empatia, apoio emocional e psicológico, amor e, obviamente, as melhores soluções médicas para o alívio da dor física. A este respeito, o debate e investimento nos cuidados paliativos deveriam estar na linha da frente.



Hélder Nuno

Ancião na Igreja Evangélica
em Aveiro



Ministério em Fafe

Família Castro

A família Castro (Miguel, Dália, Abigail e Gabriel) e a família Corsete (Miriam e Matheus - desde 18/07/21) servem o Senhor no campo missionário de Fafe, na plantação de uma igreja evangélica e em outros ministérios também.

Tudo começou desde que terminámos os estudos teológicos no I.B.P. - Tojal (Loures) em Julho de 1989, ainda como solteiros. Casámos em 20/01/1990. Somos co-fundadores da Igreja Evangélica de Fafe, juntamente com outros missionários americanos: Nancy Zellers (1986-2003), Tony & Gelena (1989-1992), Gary and Julie Williams (1989-1995).

Pela fé em Jesus, iniciámos os cultos públicos num espaço público arrendado, tendo-se realizado o primeiro culto público a 19/06/2011, depois de termos estado a ter reuniões em casas, depois numa escola de Inglês e novamente em casas até ao dia 12/06/2011. Graças ao Senhor, a Igreja Evangélica de Braga, adotou-nos como sua missão, fazendo-se novo contrato de arrendamento a 18/06/2014.

Somos missionários em Fafe, ligados à C.I.I.P.

(Comunhão das Igrejas dos Irmãos de Portugal). Somos enviados e éramos membros da Igreja Evangélica de Guimarães (Miguel) e da Igreja Evangélica de Sintra (Dália), que nos recomendaram para o campo missionário em Fafe. Estamos também vinculados à Missão MEVIC - Missão Evangélica Intercultural desde Janeiro de 2017.

Nestes 32 anos enfrentámos três casos muito complicados que tivemos que gerir, espaçados no tempo, e que prejudicaram muito o progresso e crescimento do trabalho missionário. Mesmo assim o Senhor nos tem dado sabedoria para persistir em semear a Palavra do Senhor em Fafe e fora de Fafe, como família; através de muitas campanhas e abordagens evangelísticas, nos bairros, nas praças, de porta-a-porta e na feira semanal, onde também se venderam Bíblias (Love Europe, OM, IBP, Liga de testamento de Bolso, JENO, ect.). Desde 1992 foi aberta uma escola de Inglês, como meio de contactar pais e alunos; ajudando com os cultos, reuniões de jovens, crianças / adolescentes e reuniões de oração e estudo bíblico; além de ajudar com o



sustento do Miguel como rececionista naquela escola até Dezembro de 2016. Em 2017 o Miguel juntou-se à MEVIC ficando a 100% no campo missionário e responsável por levantar o sustento financeiro, através da MEVIC (<https://mevic.pt>), porque a igreja em Fafe ainda não tem condições para nos sustentar e fazer descontos para a Segurança Social, sendo feitos pela MEVIC, retendo parte das ofertas que são enviadas para lá para fins administrativos da MEVIC.

O nosso ministério envolve/envolve as seguintes áreas:

a) COMACEP como delegados distritais (inicialmente parte do Distrito do Porto e depois a totalidade do distrito de Braga) desde 1990, divulgando nas escolas e nas igrejas evangélicas as aulas de EMRE (Educação Moral e Religiosa Evangélica) e como professores de EMRE nas escolas públicas aqui em Fafe e perto de Fafe. Coordenamos também a colocação de professores nas escolas públicas do Distrito de Braga juntamente com a sede em Lisboa.

b) Estivemos envolvidos na fundação e nos ministérios ao longo dos anos da Missão Janz Team em Penalva do Castelo em 1990 com a diretora Liane Serfas, depois Fabio Motta e depois com Duarte Casmarrinha, tendo esta missão mudado o nome para Teachbeyond.

c) Encontro de Casais com Cristo (ECC-Norte), com a ajuda do ECC-Sintra trouxemos este ministério para o Norte através da TeachBeyond em 2000. E mais tarde estivemos envolvidos no Encontro de Jovens com Cristo (EJC-Norte: Abigail, Miriam, Matheus e Gabriel)

c) Treinos semanais de Futebol de salão para depois participar nos Torneios evangelísticos

usando a escola de Inglês e o M.D.I. (Movimento Desportivo Internacional), como meio de desenvolver o evangelismo por amizade.

e) Casados para Sempre (2=1) e Pais para toda a Vida com envolvimento de casais no evangelismo e aconselhamento.

f) Escoteiros Evangélicos Royal Rangers, Geração XXI (Dália e Miriam) e GBU-Guimarães (Abigail, Miriam, Matheus e Gabriel).

g) Acampamentos em Inglês usando a escola de Inglês, através de Nancy Zellers, Miguel e Dália, que depois passou para a TeachBeyond liderado por Duarte, Betinha e Abigail e mais tarde a mesma liderança com os acampamentos em Português Awsome Summer Camp

h) Aconselhamento no site <http://pazcomdeus.net/>, que antes era procurarJesus.net.

i) Adonia, através de muitos musical camps que já se realizaram em Fafe.

j) Aderimos aos eventos anuais do Terra Justa em Fafe e depois aos eventos esporádicos dos Clubes Terra Justa em Fafe; iniciativa e liderada pelo município fafense e pela Ciências das Religiões da Universidade Lusófona; semeando a Palavra do Senhor, através de literatura e participações em eventos como esta tertúlia a 14/09/21.

l) Membros da equipa principal e equipa de formadores da Global Children's Network (GCN), um ministério semelhante à APECP que trabalha com crianças e com adolescentes. A diferença está em que a GCN faz a ponte entre a Igreja Local e a famílias, treinando os pais a ganharem e discipularem os seus filhos.

Muitas bênçãos em Jesus
Miguel & Dália Castro





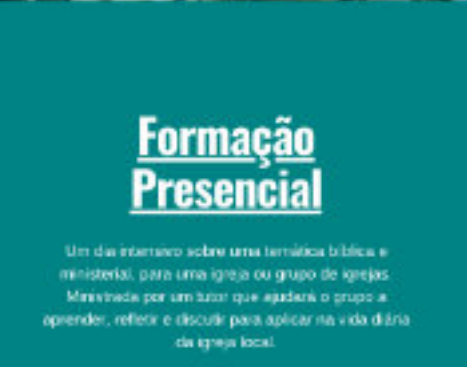
Formação Online

Uma opção simples para assistir formação bíblica e ministerial prática, dividida em 4 sessões de 1h00m. Ministrado por um ou mais tutores, os alunos deverão fazer leituras semanais e participar nos grupos de partilha durante a sessão.



EQUIPANDO PARA A VIDA E MINISTÉRIO

- Centrada na Bíblia
- Simples e prática
- Orientada para o serviço
- Dirigida a todo o cristão
- Sem pré-requisitos de formação



Formação Presencial

Um dia intensivo sobre uma temática bíblica e ministerial, para uma igreja ou grupo de igrejas. Ministrada por um tutor que ajudará o grupo a aprender, refletir e discutir para aplicar na vida diária da igreja local.



Queres levar as formações do Instituto Alvo Portugal para a tua igreja local?

Contacta-nos para institutoalvo.portugal@gmail.com

Qual a visão e Missão do Instituto Alvo?

No Instituto Alvo formamos pessoas para uma vida integrada. Os nossos conteúdos são focados em levar pessoas a identificar o seu potencial e mostrar como elas podem usá-lo para abençoar pessoas e glorificar a Deus. Entendemos que servir ao próximo, dentro ou fora da igreja, é o propósito de todo cristão. No Instituto Alvo valorizamos a sua doutrina, a simplicidade e a eficiência.

Somos um ministério cristão evangélico interdenominacional. Os nossos treinamentos e publicações compartilham princípios universais da Palavra de Deus, sem entrar em minúcias a respeito de doutrinas denominacionais específicas.

Abordamos várias temáticas, trabalhando com assuntos de formação ministerial. Dirigimos a nossa especial atenção no preparo de membros e líderes dentro das igrejas locais. No presente momento, temos 6 módulos com 3 formações em cada um. Os módulos são: O Meu Lugar no Corpo de Cristo; Dons em Ação; Liderança; Ensinando a Bíblia; Vida Pessoal e ainda, Vida Relacional.

Marcos Soares, Diretor do Instituto Alvo

Onde está o Instituto Alvo e quem pode participar?

Estamos presentes em 6 países: Brasil, Portugal, Moçambique e Angola; e ainda nos Estados Unidos da América e no Japão, junto da comunidade de língua portuguesa nesses países.

O ministério do Alvo, dentro da sua vertente de ensino e caráter interdenominacional, está disponível a todo o estudante sincero da Bíblia. Qualquer crente que deseje aprofundar e refletir sobre o conteúdo da Bíblia, visando a glória de Deus e o seu desenvolvimento espiritual, terá entre nós o melhor acolhimento!

Não é exigido um grau académico de instrução secular, apesar de ser oportuno o aluno dominar a escrita e a leitura e ter uma idade em que se possa fazer um bom uso do seu juízo crítico.

O ministério do Instituto Alvo Portugal de um vasto leque de formadores sérios que desejam servir na área do ensino bíblico. Eles estão disponíveis para lecionarem presencialmente a pequenos grupos entre 10 a 30 alunos, nas localidades e regiões em que surjam interessados, em seminários de um ou mais dias, consoante o mais viável. Formações online - via Zom, também vão continuar a ser promovidas, facilitando a disseminação do ensino e da adesão dos alunos.

Sigam o Instituto Alvo e o Instituto Alvo Portugal nas redes sociais (facebook e Instagram) para conhecerem melhor o nosso ministério.

Jorge Adrião, Presidente do Instituto Alvo Portugal

Qual a relevância de todo o cristão investir na sua formação bíblica?

A formação bíblica conduz-nos a um conhecimento mais aprofundado dos assuntos bíblicos e de como exercermos ministérios práticos, à luz



“Foi um privilégio participar nos cursos Alvo porque de forma prática aprendi mais sobre os assuntos que já conhecia. Desta forma conheci mais sobre mim, sobre Cristo e sobre a Sua Igreja. Conhecer e aplicar é o que o curso nos motiva a fazer.”

Danilson Albuquerque

do conhecimento adquirido. Assim, a formação do ensino bíblico, é vital para a vida saudável da igreja e dos seus membros em particular, para crescimento em conhecimento e para a formação do carácter cristão. A Bíblia nos ensina sobre a relevância da formação bíblica:

1) A formação é necessária para a capacitação da apresentação do Evangelho, com o intuito de transformar os perdidos em discípulos, na obediência à ordem missionária dada por Jesus: “Ide e fazei discípulos de todas as nações (...) ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado” (Mateus 28.19,20).

2) Sendo ainda, o meio pelo qual se atinge a maturidade e o desenvolvimento do serviço cristão, como retratado em Atos 2.42, onde vemos que os primeiros cristãos: “perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações”.

3) A importância da formação bíblica fica clara com o ensino e formação que a Igreja de Éfeso recebeu da parte de Paulo, dada na escola de um certo Tirano, durante três anos (Atos 19.10).

4) A formação bíblica faz com que Cristo seja formado em nós (2Coríntios 14.19) e esse é o nosso maior alvo para: “crescermos na graça e no Conhecimento de Nosso Senhor Jesus Cristo” (2 Pedro 3.18), e “sermos despenseiros da Sua multiforme graça” (1 Pedro 4.10).

No Instituto Alvo ao falarmos de formação bíblica, propomos um plano curricular, metodológico e didático de aprendizagem das várias disciplinas que exploram os temas bíblicos, que são práticos e desenvolvem a conduta cristã nos seus aspetos ministeriais.

Os nossos cursos não substituem qualquer outra formação bíblica, como a da igreja local ou até de escolas bíblicas. Contudo, o mais simples estudioso da Bíblia encontrará nos nossos cursos, uma característica única e distintiva de ensino: simplicidade, mas profundidade, e com grande poder reflexivo e desafiador de ministérios práticos. Para além disso, os alunos gozarão duma comunhão alargada com os demais estudantes e poderão expressar a sua opinião e experiência sobre os assuntos abordados; desfrutando de um ambiente amistoso, fraterno e de desenvolvimento de competências bíblicas e pessoais de relação e interação.

Jorge Adrião, Presidente do Instituto Alvo Portugal